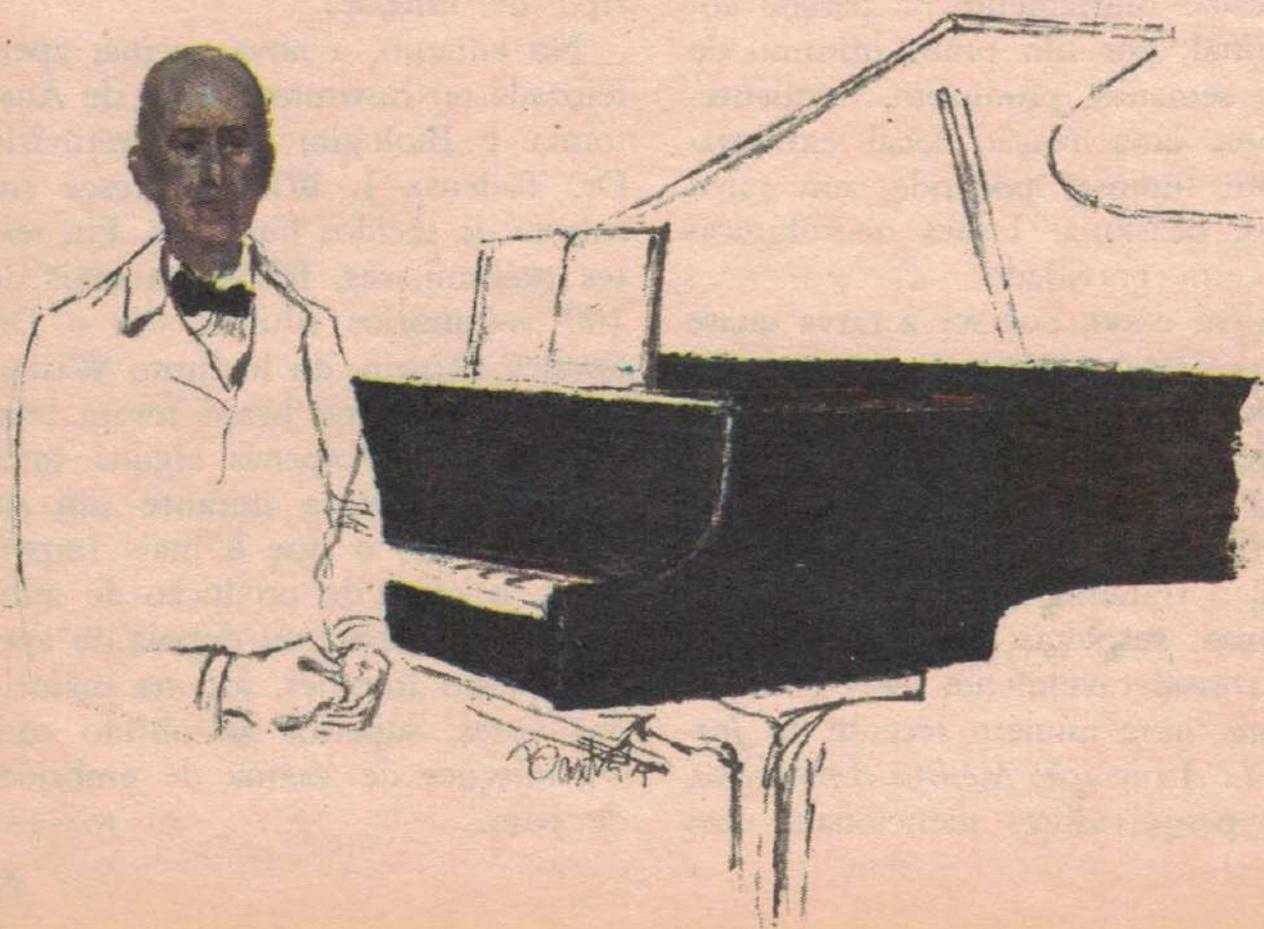


*Com sua música,
este dedicado compositor,
uma das maiores
personalidades artísticas
da Espanha,
revelou ao mundo o espírito
buliçoso de sua terra*

ERNESTO HALFFTER

EM SEU JARDIM de Granada, com o rosto ascético parecendo esculpido em mármore, Manuel de Falla estudava a partitura que eu acabara de submeter-lhe. Prendi a respiração, rezando para que ele gostasse do meu trabalho. «Isto está bom, Ernesto», disse finalmente o grande compositor. «Se você acha que é o melhor que pode fazer, não há mais nada a dizer. Mas se acha que pode melhorá-las, então precisa trabalhar mais. Quando

Meu Tipo Inesquecível – Manuel de Falla



um trabalho pode ser melhorado é porque ainda não está terminado.»

Era esse o lema do homem que considero a maior personalidade artística da Espanha, desde Goya.

Ao piano, ele trabalhava incansavelmente numa composição. Ficava sentado, ereto, sempre impecavelmente vestido, como se estivesse num concerto, enquanto experimentava notas, acordes e combinações de sons para o efeito exato que buscava.

Às vezes, labutava durante horas, até que as pontas dos dedos rachavam, e começavam a sangrar. Então, sua irmã, María del Carmen, corria para ele com ataduras, repreendendo-o por não se cuidar. Não se tendo casado, Falla contava com ela para a administração da casa.

Encontro com o maestro. Fora do teclado, o severo disciplinador era um homem tímido, de fala mansa; excessivamente polido, muito preocupado com os sentimentos dos outros. Recordo-me de uma noite em que ele estava nos bastidores, num Festival Internacional de Música, em Siena. A primeira metade do concerto, dedicada às obras de outro compositor, fora um desastre. Falla fechou os olhos, para não ver o sofrimento do colega, que estava sentado a seu lado.

ERNESTO HALFFTER, também compositor consagrado, fundou e dirigiu o Conservatório de Sevilha, é Diretor Honorário da Orquestra Sinfônica de Madrid, Consultor Musical da Televisão Espanhola, Diretor da Orquestra de Câmara Bética, fundada por Falla, e o único discípulo do maestro.

A segunda metade do concerto, dedicada a obras de Falla, acabou com a platéia de pé gritando *Bravo! Bravo!* O gerente correu para junto de Falla.

«Maestro, é preciso subir ao palco. Eles querem vê-lo!»

Falla sacudiu a cabeça.

«Absolutamente», respondeu. «Não quero que meu nome sirva de bandeira de ataque a um colega.» E saiu do salão de concertos sem se mostrar à platéia.

Quando conheci Manuel de Falla, ele tinha 45 anos, e já era mundialmente famoso. Eu tinha apenas 16, e via nele uma figura olímpica. Tinha tanta esperança de conhecê-lo quanto de ser chamado à presença do Papa.

Mas eu tinha composto algumas peças curtas que foram tocadas em Madrid. Elas foram ouvidas por Adolfo Salazar, crítico musical de *El Sol* e amigo de minha família. Uma noite, Salazar chegou apressado em nossa casa, e mostrou-me um exemplar de uma de minhas composições, com a observação escrita na margem: «*Um belo talento. Manuel de Falla.*»

«O maestro veio a Madrid ouvir um recital de obras dele», disse Salazar. «Tomei a liberdade de mandar-lhe esta peça sua, e ele quer conhecê-lo.»

Quando fui visitar Falla no hotel, entrei tremendo, mas ele me recebeu com a mesma polidez e cordialidade que teria com alguém de sua idade. Indicou-me uma cadeira e disse: «Fale-me de você.»

Falei-lhe de meus planos e do

ceticismo de meu país a respeito de meu futuro musical. Quando acabei, Falla disse:

«O que vi de sua obra me impressionou, mas você precisa estudar. Mais tarde me comunico com você.»

Um fagote francês. Semanas depois, eu subi as ladeiras de Granada, procurando o endereço de Falla, em Antequerela Alta. A residência de Falla era modesta e pequena, no meio de um jardim cercado. Falla estava sentado entre um cipreste alto e uma acácia, seu lugar favorito, trabalhando numa partitura. Concluídos os cumprimentos, ele deu-me as instruções: «Esteja aqui toda manhã às nove. Suas refeições serão feitas conosco, e você vai estudar todo dia até meia-noite.»

«Das nove da manhã até *meia-noite*, maestro?», perguntei assustado.

«Esse é o meu horário. Sou rigoroso na observância de horários. Se quiser vencer, precisa trabalhar o tempo todo.»

Como ele me prevenira, nosso programa diário era rigoroso, e raramente mudava. Quando eu chegava de manhã, tinha de «analisar» as obras de grandes compositores. Eu ocupava uma mesinha de canto, na mesma sala onde ficava o seu piano. María del Carmen servia-me café. Falla só aparecia depois de barbeado, vestido e de café tomado. Nunca soube que ele dissesse uma palavra a ninguém, nem mesmo à irmã, antes do café-da-manhã.

Em seguida, caminhávamos juntos no parque da Alhambra. Em meia hora de passeio, eu lhe comunicava

os resultados de minha última análise matutina. A figura esbelta e aristocrática estava sempre ereta, os olhos brilhantes e atentos. Quando concordava com minhas conclusões, acenava com a cabeça. Se achasse que eu não tinha aprofundado devidamente minha análise, digamos, de uma sonata de Beethoven, sugeria que examinasse de novo este ou aquele trecho.

A cada dia que passava, aumentava o meu respeito por seus conhecimentos das leis imutáveis que regem a composição, do papel que cada instrumento pode desempenhar para enriquecer o brilho da orquestra. Um dia, comentando uma passagem difícil que eu escrevera para o fagote, em minha *Sinfonietta*, Falla disse: «Você ficará desapontado, porque só o fagote *francês* pode tocar a parte como você a vê. O fagote espanhol tem capacidade diferente.»

Cada nota e cada instrução musical que ele escreveu têm uma razão lógica e estudada, e esse princípio ele procurou transmitir às pessoas de minha geração: conhecer o ofício com perfeição.

De Cádiz a Paris. Manuel María de Falla y Mathieu nasceu em Cádiz, em 1876. Seu primeiro professor de piano foi sua mãe, e, desde a mais tenra infância, demonstrou tal talento que a família resolveu mandá-lo a Madrid, para estudar no Conservatório. Lá, o compositor e musicólogo Felipe Pedrell revelou-lhe a beleza e a força da música folclórica espanhola — e Falla captou como ninguém a essência dessa música. Tudo

que ele escreveu esta embebido do espírito que caracteriza a verdadeira alma do povo espanhol.

Em 1904, quando ele tinha 28 anos, a Real Academia de Belas-Artes abriu concurso para «o melhor drama lírico apresentado por um compositor espanhol». Falla trabalhou noite e dia, compondo para um libreto chamado *La Vida Breve*, escrito por seu amigo Carlos Fernández Shaw. Concluída em apenas um ano, a ópera ganhou o concurso. Como se essa vitória não bastasse, pouco depois ele venceu o concurso nacional Ortiz y Cussé para o melhor pianista jovem da Espanha.

A rápida fama granjeou-lhe diversos alunos em Madrid e, dois anos depois, já tinha economizado o suficiente para realizar o sonho de todo artista da época: visitar Paris. A «visita» de Falla durou sete anos! Durante esse período, estimulado e inspirado por homens que estavam compondo muitas das obras-primas da época (Debussy, Dukas, Albeniz, Ravel), escreveu óperas, balés, peças orquestrais, música-de-câmara. Para tornar a vida ainda mais empolgante, sua fama de pianista-concertista emparelhava com seu sucesso como compositor. Além disso, teve o prazer de ver *La Vida Breve* montada duas vezes no mesmo ano — em Nice e na Opéra Comique de Paris.

Mas o sucesso não o estragou. Para ele, o importante era aprender, trabalhar, criar. Anos mais tarde, ainda consideraria os anos passados em Paris como a melhor educação de sua vida.

Ao piano. Em 1914, quando a França entrou na Primeira Guerra Mundial, Falla regressou à Espanha. Seus amigos de Paris iam vê-lo freqüentemente — e o pequeno Pleyel de armário ressoava sob os dedos dos maiores virtuosos do mundo.

Uma tarde, Arthur Rubinstein sentou-se ao piano, e correu os dedos pelo teclado, displicentemente. Iria dar um recital em Granada, nessa noite. De repente, virou-se para o maestro: «Sei que você está pretendendo ir a meu concerto. Quero que prometa sair antes da segunda parte.»

Falla não entendeu, e disse: «Mas você vai dedicar a segunda parte à minha *Dança do Fogo!*»

«Exatamente. Mas vou tomar algumas liberdades com ela, e você pode não gostar do resultado.»

Rubinstein dissera uma verdade profunda. Falla achava, e até defendia o princípio de que todo artista deve ter liberdade de expressar suas emoções, mas gostava de ouvir sua música tocada como ele a havia ouvido originalmente no seu íntimo, e doía-lhe ouvi-la com modificações.

Os dois gigantes da música se fitaram em silêncio, por um longo momento, cada qual respeitando e compreendendo o outro. Por fim Falla cedeu. «Eu saio», disse.

O maestro gostaria de passar o tempo todo na tranquilidade de sua casa e de seu jardim, mas era constantemente convidado a reger orquestras e dar recitais de suas obras, em Festivais Falla, na Espanha inteira, e também em Londres, Paris, Viena e muitas outras cidades. Era ainda

procurado com pedidos de composições. Entre 1914 e 1921, compôs *El Amor Brujo*, *Fantasia Bética*, *El Sombrero de Tres Picos*, *Noches en los Jardines de España*, *El Retablo de Maese Pedro*. Foi um período de grande produtividade. Trabalhava no piano diariamente, até tarde da noite.

Mas sempre descansava no domingo à tarde. Era quando um de seus amigos mais chegados, o jovem poeta espanhol García Lorca, ia ao jardim, para um copo de vinho e uma ou duas horas de conversa. Falavam de arte, poesia, política, e eu ficava assombrado com os conhecimentos de Falla.

Dois golpes arrasadores. Em 1926, Falla descobriu o poema épico de Jacinto Verdaguer *L'Atlántida* — a história do continente perdido, da descoberta de um novo mundo por Colombo, de tudo o que aconteceu antes e depois desse fato histórico. Jamais esquecerei o brilho de seus olhos negros quando exclamou: «Ernesto, achei!», e bateu no livro aberto sobre a toalha vermelha. «L'Atlántida! Vou compô-la!»

O sonho longamente acalentado de compor a obra-prima de sua vida, finalmente, ia se realizar. Eu nunca o vira tão entusiasmado. Segundo Falla, o grandioso projeto envolveria uma orquestra completa e um conjunto de câmara, um amplo complemento de solistas vocais e dois coros, um de adultos e outro de crianças. *

* Inacabada, ao morrer Falla, *L'Atlántida* foi terminada por Ernesto Halffter, e montada, em 1962, no teatro La Scala, de Milão.

Uma vez mergulhado em *L'Atlántida*, seu mais importante empreendimento, Manuel de Falla ficou mais feliz do que nunca. Mas sua felicidade foi abalada por dois golpes terríveis. O primeiro foi a dolorosa doença, posteriormente diagnosticada como tuberculose óssea, que o deixaria fisicamente incapacitado para o resto da vida. Não podia subir sozinho para o quarto, nem descer de manhã. Mesmo assim, prosseguiu trabalhando, subindo e descendo com a ajuda de outros.

O segundo golpe, que por pouco não o destruiu, foi a Guerra Civil espanhola. A essa altura, Falla já estava andando de novo. Passeava mancando, pelo jardim, apoiado numa bengala, estremecendo cada vez que ouvia tiros nas ruas de Granada, lá embaixo. Os tiros tornaram-se cada vez mais freqüentes e, pela primeira vez na vida, ele não tinha vontade de compor.

Um dia, em 1936, Falla recebeu a notícia de que seu amigo García Lorca fora preso. Falla saiu, com o rosto lívido, apoiando-se na bengala, para protestar junto ao governador. A autoridade escutou em silêncio, enquanto Falla suplicava a soltura de Lorca, e só depois ele contou a terrível verdade: Lorca fora fuzilado naquela manhã mesmo. Ninguém sabia quem dera a ordem. Falla voltou para casa, e chorou por Lorca e pela Espanha.

Quando, em 1939, recebeu convite para reger um festival de suas obras na Argentina, viu no convite a oportunidade de fugir de um

mundo enlouquecido. Para ele, Buenos Aires foi um refúgio de paz.

María del Carmen o acompanhou, e se instalaram numa linda casinha, em Alta Gracia de Córdoba, onde, num ambiente tranqüilo de flores, Falla estava certo de poder trabalhar novamente. Não o vi na Argentina (eu tinha compromissos em Portugal), mas nos correspondíamos. Ele estava de novo compondo *L'Atlántida*, e nela continuou trabalhando até sua morte.

Uma noite, em novembro de 1946 (exatamente sete anos após sua chegada à Argentina) Falla ia para a cama, quando se virou para a irmã.

«María», disse o compositor, «poderíamos rezar um pouco mais esta noite? Acho que estou precisando.»

E nessa noite, em seu 70.º ano, o grande Manuel de Falla morreu.

Seu corpo foi levado para a Espanha, num navio de guerra, e a nação deu-lhe um grande funeral. O Papa permitiu seu sepultamento na Catedral de Cádiz, reservada a dignitários eclesiásticos, designando-o «Filho Dileto da Igreja». Em seu testamento, Falla pediu que as únicas palavras gravadas em seu túmulo fossem: *Honra e glória a Deus somente.*

Para toda a humanidade, Manuel de Falla deixou uma herança inestimável — um tesouro musical que revelou, não só a riqueza de sua alma, mas também o espírito buliçoso que se manifesta nas danças e cantares típicos de toda a Espanha.



UM GAROTINHO que adorava jogar futebol chegou em casa desconsolado. «Por que está tão triste, filho? Perdeu o jogo?», perguntou o pai.

«Não, papai, não é isso», respondeu o menino. «Vou ter de jogar em outro time.»

«Venderam seu passe?»

«Não. Deram de graça.»

— G. S.

JUIZ de futebol para os jogadores revoltados com uma decisão sua: «Não vou discutir com qualquer um de vocês. Quem é o seu desbocado oficial?»

— Lichty

MOSTREM-ME um casal feliz no casamento, e eu lhes mostrarei duas pessoas que não se preocupam em saber qual dos dois é o melhor. — B. C.

NUMA NOITE de 6.ª feira, telefonei a meu filho, que é botânico, a respeito de uma árvore de meu jardim que mostrava sinais de doença. «Não dou consultas em fim-de-semana», ele respondeu. «Dê-lhe um pouco de fertilizante, e me telefone 2.ª feira.»

— P. C. D.